

O Método

3. O conhecimento do conhecimento

EDGAR MORIN

O Método

3. O conhecimento do conhecimento

Tradução de
JUREMIR MACHADO DA SILVA

5ª edição



Editora Sulina

Título original: La Méthode 3. La connaissance de la connaissance
© Editions du Seuil, 1986
© Editora Sulina, 1999
Tradução de Juremir Machado da Silva

Capa: *Eduardo Miotto*

Projeto gráfico e editoração: *Daniel Ferreira da Silva*

Foto do autor na contracapa: *Claudia Rodrigues*

Revisão: *Matheus Gazzola Tussi*

Editor: *Luis Antônio Paim Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: *Ginamara Lima J. Pinto CRB 10/1204*

M858m Morin, Edgar
O método 3: conhecimento do conhecimento. / Edgar Morin;
tradução Juremir Machado da Silva. 5ª ed. — Porto Alegre:
Sulina, 2015.
286p.

ISBN: 978-85-205-0220-4

1.Antropologia Filosófica 2.Ciências Sociais 3.Sociologia do
Conhecimento I.Silva, Juremir Machado da II.Título

CDD: 301-1

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS
Tel: (0xx51) 3311-4082
Fax: (0xx51) 3264-4194
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Agosto/2015}

“Cet ouvrage, publié dans le cadre du programme d’aide à la publication, bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires étrangères, de l’Ambassade de France au Brésil et de la Maison de France de Rio de Janeiro.”

“Este livro, publicado no âmbito do programa de participação à publicação, contou com o apoio do Ministério francês das Relações Exteriores, da Embaixada da França no Brasil e da Maison de France do Rio de Janeiro.”

Que belo tema de disputa sofisticada tu nos trazes, Menon; é a teoria segundo a qual não se pode procurar nem o que se conhece, nem o que não se conhece. O que se conhece porque, conhecendo-o, não se tem necessidade de procurá-lo; o que não se conhece porque não se sabe o que se deve procurar. *Platão*

Não sabemos se sabemos (...) não sabemos nem mesmo o que é saber. *Metrodoro de Chio*

Que sei eu? *Montaigne*

Quem explicará a explicação? *Byron*

Eu sei tudo, mas não compreendo nada. *René Daumal*

É impossível refletir sobre o tempo e sobre o mistério da criação do mundo sem uma dolorosa tomada de consciência dos limites da inteligência humana. *A. N. Whitehead*

Os que eram os pólos da Ciência e na assembléia dos sábios brilhavam como faróis. Não souberam encontrar o caminho na noite escura. *Omar Khayyam*

O que é bem conhecido, justamente por ser bem conhecido, não é conhecido. *Hegel*

Não é menos vão querer encontrar num suposto real a origem do conhecimento e da linguagem do que numa suposta ordem das idéias o princípio da gênese do mundo real. *Claude Lefort*

Se queremos conhecer a situação presente da humanidade em geral e a crise da nossa cultura em particular, devemos admitir que triunfamos e falhamos exatamente pela mesma razão: nosso tipo de racionalidade. *Jerzy A. Wojciechowski*

Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento; onde está o conhecimento perdido na informação? *T. S. Eliot*

Nunca houve tamanha possibilidade de conhecimento e tamanha probabilidade de obscurantismo. *Boris Ryback*

As intoxicações pela instrução são bem mais graves do que as intoxicações pelos subprodutos da indústria; as obstruções da informação, bem mais graves do que as das máquinas e instrumentos. As indigestões de signos, mais graves do que as alimentares. *R. Ruyer*

A ciência é o reflexo do homem no espelho da natureza. *Pauli*

O universo só é conhecido pelo homem através da lógica e das matemáticas, produtos do seu espírito, mas ele só pode compreender como as construiu estudando a si mesmo, psicológica e biologicamente, ou seja, em função do universo inteiro. *Piaget*

A atividade mental humana é uma parte, pequena e periférica parte, da matéria da ciência. É igualmente verdadeiro, todavia, que o todo da ciência também é somente uma parte (...) da atividade humana. *Geoffrey Vickers*

O verdadeiro problema é o seguinte: como a parte da realidade que começa pela consciência pode ajustar-se a outra parte descrita pela física e pela química. *Niels Bohr*

É preciso andar na margem (...) onde a razão gosta de estar em perigo. *G. Bachelard*

Onde está o perigo, cresce também o que salva. *Hölderlin*

É preciso que eu, incessantemente, mergulhe na água da dúvida. *Wittgenstein*

O absoluto é verdadeiro inimigo do gênero humano. *Friedrich Schlegel*

Sempre coloquei nos meus escritos toda a minha vida e toda a minha pessoa. *Nietzsche*

Eu devia esperar que os filósofos e os físicos empreendessem uma cruzada contra mim, pois não passo de um vagabundo sem preconceitos, pleno de idéias não conformes nos diferentes domínios do conhecimento. *E. Mach*

Não se trata de dar ao leitor um verniz do que é ensinado de maneira mais aprofundada na Universidade, mas de realizar análises que normalmente não são feitas. *B. d'Espagnat*

Sumário

Introdução geral, 15

I. O abismo, 15

A pergunta, 16

O desconhecido do conhecimento, 16

O multidimensional e o inseparável, 18

A fratura, 18

A patologia do saber, 19

A crise dos fundamentos, 20

II. Do metaponto de vista, 24

1. *A abertura bio-antropo-sociológica, 26*

2. *A reflexividade permanente ciência — filosofia, 27*

3. *A reintegração do sujeito, 30*

4. *A reorganização epistemológica, 31*

5. *Conservar a interrogação radical, 33*

6. *A vocação para emancipar, 33*

III. A aventura, 34

Tabu e resignação, 34

A palavra “método”, 35

O inacabamento, 37

ANTROPOLOGIA DO CONHECIMENTO

Prólogo, 43

1. Biologia do conhecimento, 44

Retorno às origens, 44

I. A computação, 45

II. A computação viva, 49

III. O cômputo, 52

Autocomputação, 54

Auto-exo-referência, 55

Cômputo policelular, 56

IV. Biologia do conhecimento, 57

V. As origens, 58

Conhecer é primariamente computar, 58

As duas lógicas da computação, 58

Na origem do conhecimento, 59

Na origem da origem: o subentendido do conhecimento, 59

Conclusão, 61

2. A animalidade do conhecimento, 62

I. O aparelho neurocerebral, 62

A organização da ação e do conhecimento, 62

II. O conhecimento cerebral, 65

1. *A computação das computações, 65*

2. *A autonomização do conhecimento*

(aprendizagem, estratégias, curiosidade), 68

Conclusões:

a animalidade do conhecimento humano, 75

O conhecimento cerebral, 75

A hominização do conhecimento, 76

3. O espírito e o cérebro, 78

O que é um espírito capaz de conceber um cérebro capaz de produzir um espírito?, 78

O extraordinário problema, 78

O grande cisma, 79

A unidualidade cérebro —→ espírito, 81

A tríade, 85

A suspensão das oposições absolutas, 86

Possibilidades de definição, 92

Conclusões, 94

4. A máquina hipercomplexa, 96

I. *Unitas multiplex*, 98

1. *O cérebro bi-hemisférico, 99*

2. *O cérebro triúnico, 104*

3. *A concepção “modular”, 106*

4. *As “hormônias” cerebrais, 107*

5. *O complexo dos complexos, 108*

II. A concepção complexa do *conceptor* hipercomplexo, 110

1. *O princípio dialógico, 110*

2. *O princípio recursivo, 112*

3. *O princípio holo(gramático/scópico/nômico), 113*

4. *A tríade:*

dialógica ——— recorrência ——— holo(gramia/scopia/nomia), 116

III. O grande problematizador solucionador, 124

Um GPS hipercomplexo, 124

A grande desconexão, 126

5. Computar e cogitar, 129

Operações computantes e operações cogitantes, 129

A instância lógica, 132

Pensamento e linguagem, 133

A conscientização, 135

Cogito —→ ergo computo —→ ergo sum —→ ergo, 136

Conclusão:

a unidualidade compútica —→ cogística, 137

6. A existencialidade do conhecimento, 140

I. A Psique, 141

Psiquiatria do conhecimento, 141

Psicanálise do conhecimento, 142

II. Obsessões cognitivas e alegrias da certeza, 144

Posse e possessão, 145

A religião da verdade e a verdade da religião, 147

Gozo psíquico e êxtase, 149

O erro da verdade, 150

Conclusão:

para além do princípio do prazer, 150

7. As duplicidades do conhecimento, 153

I. Analógica —→ lógica, 153

As analogias, 153

Analógica e lógica, 154

II. Compreensão —→ explicação, 158

Projeção —→ identificação, 159

Mimese, 160

Compreender a compreensão, 162

A explicação, 164

A dialógica compreensão —→ explicação, 165

Conclusão, 167

8. O pensamento duplo (mito —→ logos), 168

I. O pensamento simbólico

mitológico  mágico, 170

O símbolo, 171

O mito, 174

A magia, 181

- O pensamento simbólico/mitológico/mágico, 183*
- Passado e presente, 183*
- O arqui-espírito, 186*
- II. A unidualidade dos dois pensamentos, 190
 - A complementaridade de fato, 190*
 - O pensamento e o seu duplo, 193*

9. Inteligência pensamento

consciência , 195

- I. A inteligência da inteligência humana, 195
 - As qualidades inteligentes, 197*
 - Chances e azares da inteligência, 199*
 - II. Do pensamento, 201
 - A dialógica pensante, 201*
 - A concepção, 204*
 - Conceber a concepção, 205*
 - Ars cogitandi, 206*
 - O pensamento criador, 207*
 - III. A consciência, 209
 - A consciência da consciência, 209*
 - O iceberg da inconsciência, 212*
 - A consciência de si, 214*
 - A brecha, 216*
 - O subdesenvolvimento da consciência, 217*
- Conclusão:**
- o pássaro de Minerva, 219*

Conclusões:

Possibilidades — limites do conhecimento humano, 224

- I. As condições do conhecimento, 224
 - A atividade cognitiva, 224*
 - Inerência-separação-comunicação, 226*
 - Construção —> tradução, 230*
 - Do circuito sujeito —> objeto*
 - à relação espírito —> mundo, 231*
 - O espírito está no mundo que está no espírito, 233*
 - A realidade da Realidade, 237*
 - A faixa intermediária, 240*
 - O mundo cognoscível, 241*

	<i>A zona de adequação cognitiva, 243</i>
II. Limites, incertezas, cegueiras, misérias do conhecimento, 245	
	<i>O conhecimento dos limites do conhecimento, 245</i>
	<i>As relações de incerteza, 246</i>
	<i>Os buracos negros do conhecimento, 249</i>
	<i>Carências e derivações, 250</i>
	<i>Os verificadores, 251</i>
	<i>Servidão e grandezas cognitivas, 253</i>
III. Trânsito, 255	
	<i>Os fundamentos de um conhecimento sem fundamento, 255</i>
	<i>O fundamento sem fundamentos da complexidade, 256</i>
	<i>A humanidade do conhecimento, 257</i>

Notas, 263

Bibliografia, 277

Introdução geral

I. O abismo

Im Abgrund wohnt die Wahrheit.

(No abismo, reside a Verdade.)

Schiller

A pergunta

Pode-se comer sem conhecer as leis da digestão, respirar sem conhecer as leis da respiração, pensar sem conhecer nem as leis da natureza, nem as do pensamento. Mas enquanto a asfixia e a intoxicação se fazem sentir imediatamente como tais na respiração e na digestão, o erro e a ilusão caracterizam-se por não se manifestar como erro e ilusão. “O erro consiste em que não se apresenta como tal” (Descartes). Como disseram Marx e Engels, no começo da *Ideologia alemã*, os homens sempre elaboraram falsas concepções de si mesmos, do que fazem, do que devem fazer e do mundo em que vivem. Marx e Engels fizeram o mesmo.

Quando o pensamento descobre o gigantesco problema dos erros e das ilusões que não cessaram (e não cessam) de impor-se como verdades ao longo da história humana, quando descobre correlativamente que carrega o risco permanente do erro, então ele deve procurar conhecer-se.

Ainda mais que não podemos, hoje, atribuir as ilusões e os erros somente aos mitos, crenças, religiões, tradições herdadas do passado, assim como apenas ao subdesenvolvimento das ciências, da razão e da educação. É na esfera supereducada da *intelligentsia* que, neste século mesmo, o Mito tomou a forma da Razão, a ideologia camuflou-se

de ciência, a Salvação tomou forma política garantindo-se certificada pelas Leis da História. É bem em nosso século que o messianismo e o niilismo se combatem, entrecrocavam-se e produzem-se um ao outro, a crise de um operando a ressurreição do outro.

Nossa ciência realizou gigantescos progressos de conhecimento, mas os próprios progressos da ciência mais avançada, a física, aproximam-nos de um desconhecido que desafia os nossos conceitos, nossa lógica, nossa inteligência, e colocam-nos o problema do inacessível ao conhecimento. Nossa razão, que parecia o meio mais seguro de conhecimento, descobre em si uma sombra cega. O que é a razão? É universal? Racional? Não pode transformar-se no seu contrário sem perceber? Não estamos começando a compreender que a crença na universalidade da nossa razão escondia uma mutiladora racionalização ocidentalocêntrica? Não começamos a descobrir que ignoramos, desprezamos, destruimos tesouros de conhecimento em nome da luta contra a ignorância? Não devemos compreender que a nossa Era das Luzes está na Noite e no Nevoeiro? Não devemos questionar tudo o que nos parecia evidente e reconsiderar tudo o que fundava as nossas verdades? Temos uma necessidade vital de situar, refletir, interrogar novamente, ou seja, de conhecer as condições, possibilidades e limites das aptidões a atingir a verdade visada. Como sempre, a questão prévia surge historicamente por último e é na hora derradeira do pensamento ocidental que a resposta – a verdade – se transforma enfim em pergunta.

A busca da verdade está doravante ligada à investigação sobre a possibilidade da verdade. Carrega, portanto, a necessidade de interrogar a natureza do conhecimento para examinar a sua validade. Não sabemos se teremos de abandonar a idéia de verdade. Não procuraremos salvar a verdade a qualquer preço, isto é, ao preço da verdade. Tentaremos situar o combate pela verdade no nó estratégico do conhecimento do conhecimento.

O desconhecido do conhecimento

A noção de conhecimento parece-nos una e evidente. Mas, desde que a questionamos, ela se fragmenta, diversifica-se, multiplica-se em inúmeras noções, cada uma gerando uma nova interrogação.

O MÉTODO 3

● Os conhecimentos? O saber? Os saberes? A informação?
As informações?

● A percepção? A representação? O reconhecimento? A conceituação? O julgamento? O raciocínio?

● A observação? A experiência? A indução? A dedução?

● O inato? O adquirido? O aprendido? O adivinhado? O verificado?

● A investigação? A descoberta? Inculcar? O arquivamento?

● O cálculo? A computação? A cogitação?

● O cérebro? O espírito? A escola? A cultura?

● As representações coletivas? As opiniões? As crenças?

● A consciência? A lucidez? A clarividência? A inteligência?

● A idéia? A teoria? O pensamento?

● A evidência? A certeza? A convicção? A prova?

● A verdade? O erro?

● A crença? A fé? A dúvida?

● A razão? A desrazão? A intuição?

● A ciência? A filosofia? Os mitos? A poesia?

Assim, desde um primeiro olhar superficial, a noção de conhecimento despedaça-se. Caso se queira tentar considerá-la em profundidade, torna-se cada vez mais enigmática. Ela é um reflexo das coisas? Construção do espírito? Desvelamento? Tradução? Que tradução? Qual é a natureza do que traduzimos em representações, noções, teorias? Captamos o real ou apenas a sua sombra?

Compreendemos, mas o que significa compreender? Captamos ou damos significações, mas qual é o significado da palavra “significação”? Pensamos, mas sabemos pensar o que quer dizer pensar? Existe um impensável no pensamento, um incompreensível na compreensão, um incognoscível no conhecimento?

Ignorância, desconhecido, sombra, eis o que encontramos na idéia de conhecimento. Nosso conhecimento, apesar de tão familiar e íntimo, torna-se estrangeiro e estranho quando desejamos conhecê-lo. Desde o início, estamos situados diante do paradoxo de um conhecimento que não somente se despedaça desde a primeira interrogação, mas que também descobre o desconhecido em si mesmo e ignora até mesmo o que significa conhecer.

O multidimensional e o inseparável

Se a noção de conhecimento diversifica-se e multiplica-se quando a consideramos, podemos legitimamente supor que comporta diversidade e multiplicidade. Desde então, o conhecimento não seria mais passível de redução a uma única noção, como informação, ou percepção, ou descrição, ou idéia, ou teoria; deve-se antes concebê-lo com vários modos ou níveis, aos quais corresponde cada um desses termos.

Por outro lado, todo conhecimento comporta necessariamente: *a)* uma competência (aptidão para produzir conhecimentos); *b)* uma atividade cognitiva (cognição), realizando-se em função da competência; *c)* um saber (resultante dessas atividades). As competências e atividades cognitivas humanas necessitam de um aparelho cognitivo, o cérebro, que é uma formidável máquina bio-físico-química; esta necessita da existência biológica de um indivíduo; as aptidões cognitivas humanas só podem desenvolver-se no seio de uma cultura que produziu, conservou, transmitiu uma linguagem, uma lógica, um capital de saberes, critérios de verdade. É nesse quadro que o espírito humano elabora e organiza o seu conhecimento utilizando os meios culturais disponíveis. Enfim, em toda a história humana, a atividade cognitiva interagiu de modo ao mesmo tempo complementar e antagônico com a ética, o mito, a religião, a política; o poder, com frequência, controlou o saber para controlar o poder do saber.

Assim, todo acontecimento cognitivo necessita da conjunção de processos energéticos, elétricos, químicos, fisiológicos, cerebrais, existenciais, psicológicos, culturais, lingüísticos, lógicos, ideais, individuais, coletivos, pessoais, transpessoais e impessoais, que se encaixam uns nos outros. O conhecimento é, portanto, um fenômeno multidimensional, de maneira inseparável, simultaneamente físico, biológico, cerebral, mental, psicológico, cultural, social.

A fratura

Ora, a própria organização do conhecimento, no interior de nossa cultura, racha esse fenômeno multidimensional; os saberes que, ligados, permitiriam o conhecimento do conhecimento são separados e esfacelados.

O MÉTODO 3

De fato, a grande disjunção entre ciência e filosofia operou uma cisão entre o espírito e o cérebro; o primeiro dizendo respeito à metafísica; o segundo, às ciências naturais; além disso, a fragmentação disciplinar separou e dispersou:

- nas ciências físicas: a informação, a computação, a inteligência artificial;
- nas ciências biológicas: o sistema nervoso central, a filogênese e a ontogênese do cérebro;
- nas ciências humanas: a lingüística, a psicologia cognitiva, as diferentes psicologias (não se comunicando entre elas, ou até mesmo excluindo umas às outras), as diferentes psicanálises (mesma observação), a psicossociologia, a antropologia cultural, as sociologias da cultura, do conhecimento, da ciência, as histórias das culturas, das crenças, das idéias, da ciência;
- na filosofia: a teoria do conhecimento;
- entre ciência e filosofia: a lógica, a epistemologia.

A isso cabe acrescentar um continente não reconhecido, inexplorado: a noosfera, onde o conhecimento se organiza em sistemas de idéias (teorias, doutrinas), que necessitam de uma ciência nova: a noologia.

Cada um desses fragmentos ignora a vista global da qual faz parte. Apenas nos mais recentes anos um rearranjo, ainda parcial (voltaremos a isso), começou a ser operado entre as *ciências cognitivas* ou ciências da cognição.

A patologia do saber

Percebe-se ainda com muita dificuldade que a disjunção e o esfacelamento dos conhecimentos afetam não somente a possibilidade de um conhecimento do conhecimento, mas também as possibilidades de conhecimentos sobre nós mesmos e sobre o mundo, provocando o que Gusdorf chama justamente de “patologia do saber”.

De fato, a reflexão filosófica quase não se alimenta com os conhecimentos adquiridos pela investigação científica, a qual não pode nem reunir os seus conhecimentos nem os refletir. A rarefação das comunicações entre ciências naturais e ciências humanas, o fecha-

mento disciplinar (apenas corrigido pela insuficiente interdisciplinaridade), o crescimento exponencial dos saberes separados, levam cada um, especialista ou não, a ignorar cada vez mais o saber existente. O mais grave é que tal situação parece evidente e natural. Como vivemos, sem dúvida, a época mais elevada do progresso do conhecimento, da fecundidade das descobertas, da elucidação de problemas, percebemos dificilmente que os nossos ganhos inusitados de conhecimento são pagos com ganhos inusitados de ignorância. Como a universidade e a pesquisa, refúgios naturais do pensamento, toleram desvios e não-conformismos e permitem tomar consciência das próprias carências universitárias e científicas, esquece-se que produzem a mutilação do saber, um novo obscurantismo.

O novo obscurantismo, diferente do estagnado nos recantos ignaros da sociedade, provém doravante dos píncaros da cultura. Cresce no coração do saber, permanecendo invisível para a maioria dos produtores desse saber, que sempre crêem produzir unicamente para as Luzes.

Pior ainda: não são apenas os benefícios, mas também os males especificamente modernos (superpopulação, poluição, degradação ecológica, crescimento das desigualdades no mundo, ameaça termonuclear) que, como diz Wojciechowski (1978), são inseparáveis do progresso do conhecimento científico. Inconscientes do que é e faz a ciência na sociedade, os cientistas são incapazes de controlar os poderes escravizadores ou destrutores gerados pelo saber.

Assim, o mesmo processo determina as maiores conquistas do conhecimento e produz novas ignorâncias, um novo obscurantismo, uma nova patologia do saber, um poder não controlado. Esse fenômeno de dupla face acarreta um problema de civilização crucial e vital. Começamos a compreender que, mesmo sendo totalmente dependente das interações entre os espíritos humanos, o conhecimento escapa-lhes e constitui uma potência que se torna estranha e ameaçadora. Hoje, o edifício do saber contemporâneo ergue-se como uma Torre de Babel que nos domina mais do que a dominamos.